

Uma geração perplexa

Mandete B 45-29.12.56

"Os novos"

DN-20/8/65

NOVOS

Um amigo meu se diz inquieto e meio alarmado com a nova geração de literatos, em que reconhece grandes talentos. E que muitos desses moços fazem ou escrevem coisas que ele não chega e entender bem — e misturam, a trechos de autêntica poesia ou força literária, outros bastante suspeitos de vigarice ou sensacionalismo.

Não se trata aqui da chamada "geração de 45", que já vai amadurecendo, isto é, deixando de ser essa coisa vaga que é uma "geração" para ser fulano e sicrano, cada um com seu valor ou sua fraqueza. Falávamos de gente mais nova, que só agora começa a publicar seus livrinhos de versos ou arsinar coisas nas revistas e suplementos literários. O público ainda não fixou seus nomes, e mesmo as pessoas mais interessadas em literatura ainda não os distinguem. Alguns deles têm pequenos círculos de admiradores intensos, que os consideram, com razão ou sem ela, geniais, e se irritam com os escritores conhecidos, apenas porque eles, que consideram muito superiores e, ainda não o são. A mim mesmo, que posso invocar, a desculpa de ser, antes de tudo, um profissional de imprensa, obrigado por ofício a escrever minhas coisas "à minuta" e menos interessado em brilhar do que em guardar um nível razoável de fatura — a mim mesmo alguns deles, irritados, já chamaram de medalhão. Não me irritam com isso; afinal, a acusação não é grave, e em um país novo e fluido como o Brasil os mais velhos podem ser acusados de tudo, menos de ocupar lugares que deveriam pertencer aos mais novos e melhores; há espaço para toda gente nos jornais e revistas e só há poucos lugares na Academia, que não parece ser o sonho de nenhum desses moços.

Meu breve contato com alguns desses rapazes me deu a impressão de que eles são antes de tudo uns grandes inquietos, tanto na literatura quanto na vida. Não vejo nada que possa ser mais normal na idade deles e em tempos como o nosso de bomba H e tudo o mais. Em política são — quando se interessam por ela — terrivelmente hesitantes ou mutáveis, fato também normal para moços em um mundo dividido entre uma "democracia" imperialista e um "comunismo" ditatorial; a necessidade de crer em alguma coisa, própria da idade, não é satisfeita nem pela religião nem pela política — e em literatura as grandes admirações de um jovem são altamente mutáveis. Em arte, dois ou três deles me deram a impressão de que "sabem" que devem ser a favor dos "concretistas"; desde que não sejam comunistas e portanto partidários do "néo-realismo social"; não vejo como possam fugir a esses extremos, a não ser quando se tratar de alguém em quem o gosto verdadeiro pela pintura superar a moda das teorias estéticas.

Participo da perplexidade de meu amigo.

Ter 20 anos hoje, e pensar e sentir o mundo, deve ser duro, angustioso e triste. Ter ânsia de afirmar coisas e de se afirmar nas coisas, em um mundo como este em que os valores mais efetivos de ação tanto das massas quanto das elites rivais parecem ser os valores negativos!

O melhor, meu caro, é deixar que esses meninos se arrumem por si, os que tiverem força aguentarão — e os outros, ai deles —, irão para a vala comum da mediocridade de todas as gerações. Nós é que não podemos ajudá-los, nem sequer combatê-los.

13/4/54

R. B.

ou da
pop-art

pop-art
pop-art

13/4/54

55